

Apresentação

Eder Rodrigues da Silva*

A funcionalidade de um texto teatral está presente tanto naquilo que ele diz, quanto nos arredores que deslocam as ideias contidas nele para outros planos capazes de resignificá-lo no palco.

A porca prodigiosa de Landser, de Priscila R. Rufinoni, é um texto que desafia o olhar dos profissionais das artes da cena porque chega imbuído de alguns princípios textuais próprios da corrente textocêntrica que, por muito tempo, vigorou na historiografia dramaturgica. Trata-se de um texto cujos arredores têm o mesmo peso que o discurso, porém as atmosferas que circundam o duelo travado entre as palavras e as ideias é que dão o tom reflexivo e sarcástico de todo o texto.

A peça gira em torno da história lendária de uma porca de oito patas que, inevitavelmente, são transformadas em chifres. O caráter miraculoso dessa transformação “invertida” acaba fazendo com que ela toque o céu, funcionando como uma espécie de metáfora para mostrar que o invertimento das lógicas habita também a terra, fato que, inclusive, provoca a reunião dos personagens do

texto: um judeu, um cristão e um camponês.

A estrutura utilizada pela autora traz referências do Teatro de Bertolt Brecht e do jogo dialético capaz de tensionar relações temáticas, ainda que não recorra a elementos épicos. Já no início, há na rubrica uma recorrência a alguns recursos como o uso de *slides* e a realização de uma reconstituição de apelo imagético. Estes elementos remetem a alguns dispositivos extraídos do trabalho do próprio Brecht e de Erwin Piscator que acabam influenciando boa parte do teatro contemporâneo. A peça ainda faz menção, nesta didascália, ao funcionamento de um pseudo-documentário, e até mesmo de um certo didatismo, algo que também dialoga com as peças didáticas de Brecht.

No âmbito temático, a autora elege três personagens que tipificam suas instâncias pertencentes e, conseqüentemente, maneiras específicas de ler e interpretar o mundo. Ao colocar numa mesma cela um representante do cristianismo, um do judaísmo e um camponês, trava-se um duelo verborrágico que percorre os contextos de suas representações, credos, culpas e dívidas seculares.

O espaço escolhido da cela acaba sendo a fronteira textual estabelecida para que os personagens confrontem suas expectativas diante dos subterfúgios possíveis para a condição em que se encontram. Durante todo o texto estamos diante de um duelo ininterrupto sobre suas vias e estratégias em torno dos negócios, privilégios, vantagens, dogmas e preceitos que os individualizam e, propositalmente, os colocam em contato.

“A qual forma da lei adoram?” é o motor textual que desencadeia a colisão de princípios, extratos da história, referência indiretas ao transcurso do tempo, ortodoxias, o legado da culpa e a natureza das leis. A força da peça mora exatamente neste

dialogismo constante, já que a autora abre mão da ação e expõe o discurso dos personagens como a esfera eminente para um prospecto reflexivo em torno do que é dito.

A força do verbo prepondera na topografia que emerge, exercendo um viés de cunho filosófico que remete ao formato clássico dos diálogos gregos em que através dos espaços de interlocução travados entre mestres e discípulos, elevava-se a chama dos extratos da razão e do conflito das ideias, do pensamento que se cristaliza e dos atos que os tornam movediços. A sensação de que a força da palavra desse legado socrático e platônico propulsiona a agudez necessária para elevar o diálogo, dilui um pouco a percepção de que o texto se configura como monólogos entrecruzados. Este caminho, aliás, pode soar como fronteira para as montagens, ainda que as poéticas contemporâneas tenham lidado muito bem com a leitura e a encenação de textos que se enveredam por esta linhagem. Nesta perspectiva, a peça oferece um caleidoscópio de registros que vai da

menção histórica de fatos ao teor fantasioso das histórias entrecortadas, dos sistemas de relações entre as partes aos abismos das leis que os regem, no caso, colocados em atrito por causa do confinamento.

Neste jogo de teses e antíteses, de personagens que expõem suas convicções e o limite delas, ficam alguns espaços lacunares, como o próprio desfecho que esfacela as expectativas por sínteses, no caso, abrindo as questões que o texto opera para diálogos com nosso presente. A extensão das falas ganha uma apuração que eleva os embates que a peça provoca e a sua leitura pode revelar detalhes de um jogo verbal habilidoso na arte de tensionar polos equidistantes.

***Eder Rodrigues da Silva** é poeta e contista premiado, seu prêmio mais recente é o *OFF Flip* de 2017. Foi também professor universitário na Universidade Federal de Rondônia. Possui formação interdisciplinar, atuando no âmbito das Letras e das Artes [Teatro], com doutorado pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais dentro do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários na área de Literaturas Modernas e Contemporâneas, com tese sobre a dramaturgia contemporânea.